

A raça dos psicanalistas

*José Martinho*¹

Em memória do Pedro Lau Ribeiro

Há uma série americana que passa na televisão portuguesa e tem como título *Homens, mulheres e bananas*. Se associarmos este título ao das presentes Jornadas, seremos obrigados a colocar o psicanalista do lado da banana, ou, como preferia dizer, do símbolo fálico.

É do Falo que vou falar. O que direi não será definitivo, não será a verdade das verdades, apenas algumas palavras para situar um pouco melhor o mistério que o Falo permanece para os homens, as mulheres e os psicanalistas, incluindo aquele que vos fala.

O Falo no berço da civilização

Vou pegar no Falo tal como ele aparece na Grécia antiga, o designado «berço» da civilização ocidental. O Falo era aí o que havia de mais sintomático para o animal falante e político, o ponto nevrálgico em torno do qual girava a guerra dos sexos, mas também aquilo que os Gregos chamavam «economia», essencialmente doméstica, já que esta dizia sobretudo respeito à gestão da casa e do casamento.

Como o Sol, o Falo fazia raiar a sua luz por toda a Grécia. Mas ele era também o que havia de mais obscuro, pela antiga relação que tinha com a flauta de Dionísio, o assobio do intruso, Dionísio sendo o deus dos estrangeiros, dos escravos e das mulheres, mas também de todas as loucuras, bebedeiras e perseguições sexuais.

¹ Professor Catedrático da Faculdade de Psicologia da ULHT. Presidente da Antena do Campo Freudiano.

O lado negro desta divindade contrastava com o ideal de beleza e harmonia dos Gregos, representado pelo deus Apolo. Mas Dionísio estava também presente no santuário de Apolo, o Templo de Delfos, em particular através Falo firme e hirto representado pela enorme pedra que existia nesse local que os Gregos consideravam ser o umbigo da terra ou o centro do mundo.²

Omphalos era o nome da pedra onde os fiéis vinham esfregar o corpo, junto à qual acalmavam a aflição da alma, e clamavam pela realização dos seus desejos, nomeadamente de procriação.

Esta pedra era como o osso que o pénis não tinha. Talvez seja porque o pénis não tem osso que o Falo pôde ser elevado à categoria de puro símbolo, erguido deste modo à dignidade do *Logos*.³

É efectivamente pelo Falo que a Fala se vinculará ao que os Gregos chamavam a «Coisa» ou «coisas da deusa Afrodite».

Quando o pénis não se levanta entre os amantes torna-se preferível que eles falem do assunto, ou de outra coisa, para que o silêncio não se torne demasiado pesado. O pénis que não funciona nos momentos necessários e propícios retira ao homem o seu *status* viril, a fonte da sua virtude. Mas esta impotência é também um problema para as mulheres, em todo o caso para aquelas que gostam ou necessitam dos homens.

² Fundada por volta de 1400 a. C, a antiga aldeia de Delfos estava situada no golfo de Corinto, junto ao monte Parnaso. O templo construído nesse local viria a transformar-se num dos mais sagrados santuários da Grécia antiga. Os pacientes desejosos de cura também se deslocavam ao santuário, onde eram sujeitos a vários tipos de cerimónias, banhados, esfregados e perfumados. Durante pelo menos doze séculos, o oráculo de Delfos falou em nome do deus Apolo, aconselhando os governantes, cidadãos e filósofos (Sócrates era um dos seus fiéis) sobre os mais variados assuntos, desde as respectivas vidas sexuais até aos negócios de Estado. O oráculo falava pela boca de uma mulher madura, a Pitonisa. Devido aos vapores que emanavam da terra, esta entrava em transe, por vezes mesmo num frenesim, e era assim que respondia às perguntas dos petiçãoários, emitia ordens e fazia profecias.

³ O Falo não é um órgão, nem uma figura que se possa encontrar nos compêndios de anatomia. Ele pertence ao *Logos*, mas como algo que coloca um obstáculo à ordem simbólica da cultura; ele é, por assim dizer, o osso que sobra depois do discurso e da lógica roerem a carne humana.

Como os nossos contemporâneos, os homens e as mulheres gregas sonhavam com fecundação e pediam aos deuses da fertilidade que os ajudassem, em particular a Príapo, o deus do pénis sempre em pé. Ambos esperavam ter filhos para poder salvaguardar a espécie, o género, a família e a cidade; mas queriam sobretudo gerar pequenos falos, filhos homens, já que eram os rapazes que estavam encarregados de governar o Estado e dar protecção às mães e irmãs.

Foi também neste sentido que o Falo contribuiu de uma maneira decisiva para a civilização que reinou no ocidente até ao século XX, mundo encabeçado pelo Nome do Pai que deteria o poder fálico, como ilustram as metáforas do Pai de família, do Pai do povo, do Pai do céu, ou até do Pai da psicanálise.

O Falo em Freud e o mal-estar na civilização

Apesar de ter detectado o mal-estar inerente a esta civilização, Freud foi um dos seus filhos.

Foi também o caso da maioria dos seus pacientes, nomeadamente das primeiras mulheres que se deitaram no célebre divã de Viena.

O que estas diziam levou Freud a enunciar algo que continua a provocar escândalo, a saber que, no inconsciente, apenas existe um símbolo sexual, o Falo, ou que a *libido* tem uma significação fálica para os dois sexos.

O feminismo considera este propósito falocrático, como mais um exemplo do milenar sexismo machista, coadjuvado desta vez por um cientismo médico e monoteísta, que teimaria em desconhecer o verdadeiro ser da Mulher.

Freud é homem, e os homens, dizem, são básicos. Mas, uma vez dito isto, a bola fica do lado das mulheres, ou seja, devia caber doravante às mulheres explicar aos homens o que é ser Mulher, sobretudo dizer-lhes como fazer para satisfazer o seu Ser.

Mas isto não acontece, nem fora, nem dentro da conversa mais ou menos curta que é o casamento. As mulheres continuam não só a gritar com os homens, a criticá-los, a dizer-lhes que eles não as vêem, não as compreendem, como exigem ainda e mais deles, sem lhes indicarem o que realmente querem. Nem as feministas, nem as psicanalistas revelaram alguma vez a verdade da mulher, e menos ainda o mistério do seu gozo.

Esta dificuldade abriu uma nova área de investigação, os Estudos Femininos e até Feministas. Ela contribuiu também para que alguns amigos do movimento de libertação da Mulher do lado da Sexologia tenham ido à procura e descoberto o ponto G⁴, ponto de encontro, na anatomofisiologia da caverna vaginal, de todos os orgasmos femininos, mas que alguns dizem, por piada, só encontrarem na última letra da palavra *schopping*. O certo é que, com ou sem ponto G, ninguém consegue escrever a fórmula do Eterno Feminino.

O Falo permanece, pois, um *gnomon*, o ponteiro do relógio solar que continua a projectar sombra sobre a sexualidade; e, como o sol não se pode olhar de frente, convém, para saber a que horas se anda, que haja um ponteiro cuja sombra não se dissipe completamente.

O que assombra realmente a existência dos homens e das mulheres é aquilo que chamaria o «problema sexual», problema irresolúvel, mesmo se existem soluções provisórias, que dependem das contingências e arranjos particulares. Dito de outro modo, o que existe é uma «vida sexual» variada, entre eles e elas, eles e eles, elas e elas, vida que deambula ao sabor dos encontros com o Outro, com o Outro do discurso e mais radicalmente com o Outro sexo.

Para retomar o título das XIII Jornadas do CEP, diria que não há Livro, nem divã, onde um homem e uma mulher possam encontrar a chave da sua complementaridade sexual. É que a verdadeira relação humana não é sexual, mas social.

⁴ O ponto G homenageia o ginecologista alemão Ernst Gräfenberg.

Silêncio que se vai cantar o Fado

O psicanalista cala-se para melhor habitar o silêncio da palavra e, assim, permitir que o sujeito em análise comece a contar ou cantar o seu Fado.

Só que a ideia que o destino já está escrito conduziu a psicanálise à má fé religiosa, como dizia Sartre. É uma crença que se funda em duas principais tradições: aquela que acredita no Pai Natal, e a que se dedica de corpo e alma à Fada Mãe.

A partir daí, muitos pós-freudianos promoveram uma psicanálise da «relação», em que reinaria o calor e carinho; mas esta psicanálise tornou-se fria ou até frígida, no preciso momento em que o enorme afecto que tinha para dar foi contaminado pelo vírus da «contratransferência».

O termo contratransferência traduz o horror que os psicanalistas têm do seu acto. A um nível mais prosaico, reflecte o medo de reagirem impropriamente ao estímulo que o analisando é para eles; ou a desconfiança básica na resposta que podem vir a dar à questão do sujeito sob transferência. No fundo é como se os psicanalistas temessem cair em tentação e pecar, reagindo, como simples homens ou mulheres, ao amor sexual que os analisandos lhes declaram, pedem e por vezes exigem.

É também por esta razão que o psicanalista como tal não pode funcionar como um homem ou uma mulher. Mas também não é um anjo, sem sexo, nem um santo, devotado à caridade.

O receio das reacções contratransferenciais contribuiu igualmente para promover o famoso silêncio do analista. É que alguns têm a impressão que o analista fica salvo se não disser nada ou fizer de mudo!

Na realidade, a sessão analítica é um coro a várias vozes.⁵ O analisando fala sempre a mais de duas vozes, polifonia que é suficiente para conceber o que aí se passa para lá da

⁵ Isto não significa que a análise seja uma terapia de grupo, nem que o analisando tenha de ouvir vozes, ser louco. A associação livre basta para dar voz às vozes.

relação dual. O analista pode também mudar de voz e de tom, utilizar diferentes gamas sonoras, da voz macia da criança, ou da voz feminina aguda da soprano, até à mais grave e cavernosa das vozes viris de tenor. Mas aquilo que caracteriza mais a voz que é própria ao analista é desta estar do lado do *castrato*.⁶

Bem entendido que a originalidade desta voz do analista não resulta de nenhuma operação cirúrgica, mas sim da sua análise didáctica. É esta que forma o analista como o castrado da *talking cure*.

Bem entendido que, quando a palavra falta ao analisando, o analista pode intervir no processo através do que se chama a «interpretação»; ele pontua deste modo o que o outro disse com uma vírgula, um ponto de interrogação, um ponto de exclamação ou um ponto final. Mas esta pontuação só decide da significação porque o corte que opera se refere à castração à obra no espaço da inteira liberdade da palavra que é uma análise, ao facto de aí sobressair, melhor do que em qualquer outro lugar, que não se pode dizer tudo e em particular toda a verdade.

É a castração que desponta no final da análise didáctica que dá ao analista a voz do *castrato*. Esta é tanto a voz da «impotência», a que não pode responder à Demanda de

⁶ Na ópera, *castrato* (plural *castrati*) designa um cantor masculino cuja extensão vocal corresponde à totalidade das vozes femininas, soprano, mezzo-soprano e contralto. Esta faculdade e tonalidade da voz masculina apenas se torna possível após uma cirurgia ou um corte dos canais provenientes dos testículos, ou, então, devido a um problema endocrinológico que impeça a maturidade sexual. O que acontece que é que a chamada «mudança de voz» (por exemplo para baixo, barítono ou tenor) não ocorre nestes sujeitos. A castração antes da puberdade (ou na sua fase inicial) impede a libertação para a corrente sanguínea das hormonas sexuais produzidas pelos testículos, as quais provocariam o crescimento normal da laringe masculina (para o dobro do comprimento), entre outras características sexuais secundárias, tais como o crescimento da barba. Quando o jovem *castrato* chega à idade adulta, o seu corpo desenvolve-se, nomeadamente em termos de capacidade pulmonar e força muscular, mas a sua laringe não. A sua voz adquire assim uma textura única, com um poder e uma flexibilidade muito diferentes, tanto da voz da mulher adulta, como da voz mais aguda do homem não castrado, o contratenor. Por outro lado, a maturidade e a crescente experiência musical do *castrato* tornam a sua voz marcadamente diferente da de um jovem. Com o tempo, o termo *castrato* passou a designar não só o cantor, como o próprio registo da sua voz.

amor do analisando, como a voz da «impossibilidade», a da não possibilidade de realizar o desejo fora da perda do objecto que o causa.

O objecto em causa é o do fantasma inconsciente. É este objecto que faz o analisando cantar o seu Fado; mas é o canto do Falo que faculta a perda do mesmo objecto.

A nova relação com o Falo, ou seja com a castração, vai permitir ao sujeito separar-se finalmente do objecto do fantasma fundamental que o alienava ao desejo do Outro. Desde logo torna-se-lhe possível nomear, identificar o real do seu sintoma.

O analisando encontra-se aqui em condições de passar a analisado, isto é, àquele que não deseja mais ser o homem ou a mulher que era dantes, que deseja realmente ser um analista novo, ainda mais do que um novo analista.

É assim que se reproduz a raça dos psicanalistas.